

# **CONSTRUINDO PONTES PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA PROPOSTA RACIOLINGUÍSTICA DE ENSINO A PARTIR DA REALIDADE DE DOCENTES DE UMA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO REGULAR EM HORIZONTE - CE**

Francisco Nailton Pereira da Silva<sup>1</sup>

Gislene Lima Carvalho<sup>2</sup>

## **Resumo**

Este trabalho tem como objetivo discutir, sob o viés de uma linguística emancipatória e raciolinguística, as relações imbricadas no processo de ensino de língua/linguagem e práticas antirracistas. Para isso, inicialmente, baseado em autores como Nascimento (2019) e Bonfim (2016, 2020), reflete sobre o papel da Linguística Aplicada no campo geral dos Estudos da Linguagem e o seu compromisso com as epistemologias dentro do campo do estudo das relações étnico-raciais. A seguir, apresenta uma discussão sobre os processos de ensino de língua portuguesa e a lei 10.639/2003 e pontua, a partir de entrevistas com 3 docentes de uma escola de Ensino Médio regular de Horizonte – CE, suas práticas docentes e o cumprimento da lei supracitada. Por fim, apresenta duas propostas didáticas como alternativa que amplia a problematização do combate ao racismo através do ensino de língua/linguagem. A proposição aponta para a importância da prática antirracista como estratégia para lidar com um ensino que seja pautado por questões étnico-raciais.

**Palavras-chave:** Racismo Linguístico. Ensino. Práticas docentes. Língua Portuguesa.

## **Abstract**

This paper aims to discuss under the bias of an emancipatory and raciolinguistic linguistics the interwoven relationships in the language / language teaching process and anti-racist practices. For this, initially, based on author like Nascimento (2019) e Bonfim (2016, 2020) it reflects on the role of applied linguistics in the general field of Language Studies and its commitment to epistemologies within the field of the study of ethnic-racial relations. Next, it presents a discussion about the Portuguese language teaching processes and the law 10.639 / 2003 and points out from interviews with 3 teachers of a regular high school in Horizonte - CE their teaching practices and compliance with the aforementioned law. Finally, it presents two didactic proposals as an alternative that expands the problematization of the fight against racism through the teaching of language / language. The proposition points to the importance of anti-racist practice as a strategy to deal with teaching that is guided by ethnic-racial issues.

**Keywords:** Linguistic Racism. Teaching. teaching practices. Portuguese language.

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB. Acarape, CE – Brasil.

<sup>2</sup> Orientadora. Professora do curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB. Acarape, CE – Brasil.

## **1. Introdução**

Ao longo da história, como consequência do processo de colonização, os povos colonizados, e, conseqüentemente seus descendentes, passaram por longos e violentos processos de tentativas de silenciamento, tentativas de apagamento sociocultural e exclusão, tendo sua produção intelectual questionada, bem como história e cultura, demonizadas e inferiorizadas por uma lógica dominante que se colocou/coloca como superior. A partir disso, buscamos refletir e propor práticas didáticas de ensino de língua portuguesa com base na Linguística Aplicada (LA) discutindo sobre o papel dos estudos da linguagem na valorização das contribuições dos povos indígenas, africanos e afro-brasileiros para a formação da língua falada no Brasil, construindo pontes epistemológicas que possam subverter essa lógica e contribuir para o ensino de língua portuguesa.

As reflexões doravante destacadas dividem-se em dois tópicos discursivos e dois propositivos. No primeiro, os contextos epistemológicos compreendidos dentro dos estudos da linguagem e a relação desse campo com as questões étnico-raciais na promoção de uma raciolinguística para práticas antirracistas efetivas dentro da linguística aplicada, já no segundo, a pertinência de uma raciolinguística para auxiliar no ensino de língua portuguesa e no cumprimento da lei 10.639/2003 para práticas antirracistas a partir do ensino de língua portuguesa. No terceiro momento a partir de relatos coletados por entrevistas feitas via Google Meet, devido ao contexto da pandemia do novo coronavírus covid-19, com professores no contexto da Educação Básica de uma escola de ensino médio regular de Horizonte - CE, e, com base nessas realidades, propomos práticas didáticas possíveis que visam aproximar a teoria da prática antirracista. Por fim, nas considerações finais é enaltecido o propósito-chave do trabalho que é a necessidade de termos encaminhamentos propositivos em nossos trabalhos acadêmicos para auxiliar o professor da educação básica que está fora da academia e que consiga compreender minimamente as discussões para que a prática antirracista seja inerente ao ensino de língua portuguesa.

## **2. Antirracismo nos estudos da linguagem**

Compreendendo o racismo a partir de Almeida (2018) que pontua que esse é uma decorrência da estrutura da sociedade que normaliza e concebe como verdade padrões e regras baseadas em princípios discriminatórios de raça e é enfático ao dizer que o racismo é parte de um processo social, histórico e político que elabora mecanismos para que pessoas ou grupos

sejam discriminados de maneira sistemática através das relações de poder que determinados grupos detêm, usufruindo das vantagens que a categoria racial oferece (apud Gaudio, 2019, p. 215).

A partir desse entendimento do que compreendemos por racismo neste trabalho e da concepção de linguística aplicada no campo da linguística crítica definida por Rajagopalan (2003, p. 12 *apud* Bonfim, 2016, p. 67) como sendo “uma linguística voltada para questões práticas. Não é a simples aplicação da teoria para fins práticos, mas pensar a própria teoria de forma diferente, nunca perdendo de vista o fato de que o nosso trabalho tem que ter alguma relevância” e concordamos com Bonfim (2016, p. 67) quando enfatiza que essa relevância deve se dar “(...) para a vida nossa de cada dia, para a sociedade em geral, para a luta dos sujeitos subalternizados”, por isso pensar práticas antirracistas dentro dos estudos da linguagem é fundamental, e, para além disso, didatizar e fazer com que essas práticas saiam dos muros da academia e cheguem na educação básica de maneira coerente e coesa para os professores de língua portuguesa da educação básica que estão atuando como os profissionais da língua/linguagem.

Portanto, destacamos, neste trabalho, a importância de aquilombamentos epistemológicos no campo da língua/linguagem a fim de trazer cientistas negros dessa área para que possamos sistematizar esses saberes como protagonistas do fazer científico com pesquisas/trabalhos que tenham perspectivas críticas pós-coloniais e/ou decoloniais, Compreendendo a partir de Joselio Junior (2019) que aquilombar-se na atualidade “é uma necessidade histórica, é um chamamento, uma reconexão com nossa ancestralidade para atuar no presente, é construir esperança, é construir sonho, é construir um futuro melhor!”. E isso refletido no âmbito da linguística e de suas contribuições para o ensino de língua portuguesa é fundamental para um futuro em que os saberes não brancos sejam de fato levados em consideração. Para isso, destacamos Nascimento (2019) e Bonfim (2016, 2020) que sistematizam, de certa forma, grandes nomes da linguística e de áreas afins que dialogam com o que temos proposto.

Em sua obra “Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo” Gabriel Nascimento (2019) nos auxilia na compreensão da modernidade e o uso da linguagem para efetivar o processo dessa o que significa que

(...) a modernidade não apenas usou a ideia de linguagem no âmbito do projeto romântico, liberal, cristão e idealista das línguas nacionais europeias como também lançou mão dela para criar uma definição para o mundo inteiro, passando a operar todos os conceitos a partir da Europa.” (NASCIMENTO, 2019, p.11)

Com isso em mente, pautamos que uma produção científica que nega as experiências, as línguas e as produções dos povos que foram colonizados não nos serve<sup>3</sup>, e, por isso, ressaltamos a importância de destacar e fazer ouvir essas vozes que durante muito tempo foram históricas e socialmente silenciadas através dessa concepção de língua(gem) baseada no mundo brancocêntrico e Europeu. A partir disso Nascimento (2019, p. 13) traz dois conceitos fundamentais para as discussões levantadas até aqui que são o de epistemicídio a partir de Sueli Carneiro (2011) e linguicídio com base em Rajagopalan (2010) enfatiza que

O combate às línguas já faladas pelos povos originários negros e indígenas figura como um dos primeiros atos do mito da brasilidade linguística entre nós, gerando, ao mesmo tempo, epistemicídio e linguicídio. Definimos aqui epistemicídio sob os olhares de Sueli Carneiro (2011) em que ela, ao oportunamente ler Michel Foucault e sobre a ecologia dos saberes de Boaventura de Sousa Santos, define epistemicídio como o extermínio do conhecimento do outro, através da definição do que é saber/conhecimento válido e do que não é. (...) Linguicídio, que já vem tratado na pesquisa na área de estudos da linguagem (sobretudo, no Brasil, pela discussão crítica de RAJAGOPALAN, 2010), dileta com o epistemicídio, porque figura como um epistemicídio que se dá por meio da linguagem (seja na conceituação, nomeação ou discriminação direta) ou das políticas linguísticas. (NASCIMENTO, 2019, p.13)

Fundamentando-se nos conceitos supracitados e no trabalho de Marcos Bagno (2002) destacado por Nascimento (2019) tem permitido perceber na prática como o linguicídio funciona no Brasil, em especial. Ressaltamos que

O preconceito racial aqui é entrelaçado com o social e o linguístico (naquilo que quero chamar aqui de racismo linguístico, e que se desenha através do linguicídio, ou seja, do extermínio do outro não branco) fica mais aparente se nos detivermos nas políticas linguísticas. O fato de a maioria dos brasileiros (ou seja, as pessoas negras) estar condicionada às formas mais precárias de educação linguística tem razão de ser diretamente implicada por políticas linguísticas impostas para populações afro-brasileiras e indígenas. (NASCIMENTO, 2019, p.14).

Com isso destacamos como o campo dos estudos da linguagem têm sido neutro no que diz respeito às relações étnico-raciais envolvidas nos estudos da língua(gem) até aqui pautadas. Portanto, consideramos a língua “como uma marca de dominação e por onde também se dá a figura estruturante do racismo” (NASCIMENTO, 2019, p.17), por isso, Nascimento (2019) pondera que mais do que compreender ou abandonar os sistemas de poder, é preciso disputá-los para que a língua também seja um espaço de luta.

Uma outra contribuição importante de Nascimento (2019) diz respeito ao destaque que faz sobre o papel da linguagem na manutenção do racismo estrutural e que concordamos com ele ser um campo a ser explorado nos estudos da linguagem e das relações étnico-raciais. Fazemos aqui referências citadas por este como MENESES E SOUZA, 2004; FERREIRA

---

<sup>3</sup> Não nos serve por não dar conta das particularidades das populações que foram histórica e socialmente subalternizadas e invisibilizadas e sofrem com o racismo diariamente.

2014; NASCIMENTO, 2014, 2016; MASTRELLA-DE-ANDRADE e JUNIOR, 2014 que entrelaçam essas duas vertentes preocupando-se assim com esse papel da linguagem. A partir disso ressalta também a importância de diversos teóricos das questões raciais

Frantz Fanon, ao traduzir a forma de legitimação do racismo pelo colonialismo linguístico, que leva o negro a tentar se branquear através da língua do colonizador; Achille Mbembe ao desvendar a duplicidade do signo da raça, enquanto aquele que é imposto como signo de opressão, gerando sofrimento, e como signo de resistência, gerando o negro enquanto sujeito da própria resistência a um devir-negro do mundo; e Lélia González, enquanto estudiosa que propôs a relação entre o português brasileiro e sua marca de africanização (NASCIMENTO, 2019, p. 64).

Apesar das grandes contribuições desses teóricos, ainda mantemos na linguística análises globalizantes e totalizantes que ignoram dados raciais e muitas vezes sociais, o que tem perpetuado uma exclusão e distanciamento da maior parte da população dos conhecimentos sobre sua própria língua e sobre seu próprio povo.

Nesse sentido, Marco Antonio Bonfim, em sua tese de doutorado intitulada “Pragmática dos corpos militantes no movimento dos trabalhadores rurais sem-terra do Ceará” (2016) na qual pesquisou “a pragmática dos corpos militantes Sem-terra no MST-CE, com foco na compreensão das performances corpóreo-discursivas realizadas pelos integrantes desse movimento social em suas atividades de luta, a fim de demonstrar o funcionamento da ação linguística através dos corpos” (p. 10) no Ato II de sua tese “Ato II - por uma linguística aplicada emancipatória” (2016, p. 66 - 103) traça uma reivindicação por uma linguística aplicada (LA) que tenha fins emancipatórios, inclusive, este é o título da última subseção desta sessão, e para isso faz uma trajetória dos avanços teóricos-metodológicos dentro da LA que possibilitam a sua pesquisa dentro da área em questão.

A partir disso e em consonância com o que ponderamos em NASCIMENTO (2019) supracitado Bonfim (2016) reitera ao relatar dos “vários percursos pelos quais a LA passou, do início até a sua configuração como uma LA INdisciplinar”<sup>4</sup> (MOITA LOPES, 2006 *apud* Bonfim, 2016) que

“A questão posta aqui é a de que a transformação da ciência moderna ocidental, incluído aí a Linguística, a partir dos grandes debates epistemológicos ocorridos no século XVII, construiu e consolidou através do colonialismo europeu uma forma de produção do saber que tem historicamente hierarquizado e excluído outros saberes” (BONFIM, 2016, p. 72)

---

<sup>4</sup> Para mais detalhes sobre o percurso da Linguística Aplicada traçado por BONFIM (2016) ver 3.1. DE MILITANTE A LINGUISTA APLICADO MILITANTE (p. 66 - 77). Disponível em: [http://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2020/01/TESE\\_MARCO-ANTONIO-LIMA-DO-BONFIM.pdf](http://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2020/01/TESE_MARCO-ANTONIO-LIMA-DO-BONFIM.pdf)

Analogamente Moita Lopes (2006, p.27) mostra que uma LA tradicional/modernista se ocupa com “visões objetivistas de conhecimento, com base numa racionalidade descorporificada, sem compreensão acerca da heterogeneidade, fragmentação e mutabilidade do sujeito social, compreendido como situado em um vácuo sócio-histórico, e sem contemplar questões de ética e poder” (apud BONFIM, 2016, em nota de rodapé, p.72) com isso

A partir do embate contra essa forma de produção de conhecimento que vem das “sociedades modernas do Norte”, que nós, linguistas aplicados/as indisciplinados/as, usando a perspectiva do “Sul”, podemos contribuir para esse processo de mudança social. (...) Esse "Sul", como esclarecem Santos e Menezes (2010, p.19), “é aqui concebido metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo.” (BONFIM, 2016, p.73)

Ao compreendermos isso ressaltamos que mesmo com os avanços e grandes estudos citados até aqui poucas ferramentas têm sido construídas para a valorização das contribuições epistemológicas do sul a fim de combater o racismo presente na sociedade e enraizado na/pela língua do “colonizador” através de encaminhamentos propositivos para quem de fato está atuando no processo de formação da educação básica, mas que está a muito tempo sem contato algum com a universidade e que para além disso compreendemos que “o corpo só toma corpo no uso linguístico e isso tem uma série de implicações para a maneira como concebemos a relação entre os processos de significação, sempre imersos nas dinâmicas do poder, os sujeitos e a situação concreta de nossas práticas linguísticas.” (BONFIM, 2016, p. 79-80)

Acerca dessas reflexões sobre corpo e linguagem, tanto Foucault (1987) quanto Butler (2012) e Pinto (2014) fornecem contribuições para repensarmos a noção de corpo em nossas análises linguísticas. Destaco três como principais: a) O corpo é investido pelas e nas relações de poder; b) Os corpos são produzidos mediante contínuas performances de reivindicação identitária materializadas no uso linguístico e c) Agir linguisticamente é agir corporalmente. Diante disso, percebemos que corpo e linguagem estão imbricados em nossas atividades de linguagem. (BONFIM, 2016, p.81)

Por isso, retomando o que dissemos no início desta sessão sobre a compreensão de racismo a partir de Almeida (2019) na qual vimos que este se dá de maneira sistemática através da e nas relações de poder que nós não brancos não usufruímos, portanto, essas questões raciais devem ser levadas em consideração no processo de ensino/aprendizagem de língua portuguesa sob a orientação de LA emancipatória e raciolinguística para que de fato possamos combater essas estratégias de colonização através da linguagem, pois Audre Lorde (2019) nos alerta “para aqueles/as entre nós que escrevem, é necessário esmiuçar não apenas a verdade do que dizemos, mas a verdade da própria linguagem que usamos. Para as demais, é necessário compartilhar e

espalhar também as palavras que nos são significativas”<sup>5</sup>. No tópico seguinte, discutiremos acerca da lei 10.639/2003 e a relação com o ensino de língua portuguesa.

### 3. O ensino de Língua Portuguesa e a Lei 10.639/2003

Chimamanda Ngozi Adichie (2019) que é uma grande pensadora Nigeriana em “O perigo da história única” nos auxilia a compreender que

“A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentiras, mas que são incompletos. [...] As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a história de um povo, mas podem reparar essa dignidade despedaçada” (ADICHIE, 2019)

Com isso, reforçamos essa reflexão trazendo-a para o campo das linguagens visto que essas histórias estereotipadas, preconceituosas e excludentes foram e são repassadas a partir da língua/linguagem que está endossada, como dito na introdução, por tentativas de silenciamento, tentativas de apagamento sociocultural e exclusão das comunidades que foram colonizadas (indígenas e negros) aqui no Brasil que têm a partir dessas práticas suas produções intelectuais questionadas, bem como história e cultura, demonizadas e inferiorizadas por uma lógica dominante que se colocou/coloca como superior.

Portanto, pensar políticas educacionais para a promoção da equidade e igualdade racial é fundamental e, quanto a isso, já temos um avanço relevante que é importante destacar neste trabalho: a publicação do material “Políticas de promoção da igualdade racial na educação: exercitando a definição de conteúdos e metodologias” (BENTO, M. A. S.; SILVEIRA, Marly; CHINALLI, Myrian)<sup>6</sup> pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância- Unicef, a Secretaria Especial de Políticas de Promoção para a Igualdade Racial- Seppir e o Ministério da Educação- MEC. O tema central do material são as Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Educação, tendo assim como principal assunto a aplicabilidade da Lei 10.639/2003<sup>7</sup> que altera

<sup>5</sup> Ver “Ensaio inédito da pensadora Audre Lorde: ‘A transformação do silêncio em linguagem e em ação’”. Disponível em: <<https://url.gratis/ID2Hh>>. Acesso em: 09/03/2021.

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.diversidadeducainfantil.org.br/PDF/Pol%C3%ADticas%20de%20promo%C3%A7%C3%A3o%20da%20igualdade%20racial%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf> <acesso em: 11/03/2021>

<sup>7</sup> TEXTO DA LDB/LEI 10.639/2003

Artigo 3º, § 4º - O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e européia.

a LDB 9.394/96, inserindo no sistema educacional o ensino da história da África e da cultura afro-brasileira e serve como um manual muito bem elaborado para docentes que estão estudando as relações étnico-raciais no ensino.

A partir disso, destacamos o tópico “Ampliando a implementação da LDB/Lei 10.639/2003 nas diversas disciplinas curriculares” da parte I “As conquistas anti-racismo”. Enfatizamos a intersecção da temática das relações raciais com a disciplina de língua portuguesa em que o material sugere que

(...) é possível ler e analisar textos, localizando visões estereotipadas sobre os diferentes grupos raciais/étnicos; analisar criticamente essas visões, apresentando uma nova perspectiva. Podem-se estudar peculiaridades das línguas, identificando a influência de diferentes matrizes linguísticas na língua portuguesa falada e escrita no Brasil; redigir textos a partir da análise de dados sobre as relações raciais e desigualdades, preferencialmente depois de debates; trabalhar com diferentes gêneros de texto que abordem o tema das relações raciais ou do escravismo; comparar textos literários, por exemplo, poemas de Castro Alves e Raul Bopp com textos históricos; redigir, a partir das discussões, textos para poesias, rap, histórias em quadrinhos, charges, cartazes, folhetos etc.

Temos, portanto, um leque de possibilidades para trabalhar as relações étnico-raciais na implementação da lei 10.639/2003, a partir da disciplina de língua portuguesa na educação básica, pois combater o racismo e ajudar na construção de uma sociedade mais justa e igualitária é uma responsabilidade de todos e a educação e ensino da língua/linguagem é uma das possibilidades frente às discussões supracitadas.

Com isso, fica nítido em nossas discussões teóricas as problemáticas envolvidas em considerar epistemologias centralizadas apenas em um fazer científico eurocentrado e brancocêntrico bem como destacado a importância de considerarmos outras possibilidades.

#### **4. Procedimentos metodológicos**

O presente estudo qualitativo trata de uma pesquisa bibliográfica e de campo que se utiliza do método de abordagem analítico para fazer análises de casos particulares de ensino de língua portuguesa em uma escola de ensino médio regular da cidade de Horizonte – CE, a partir

---

Art. 26-A - Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e cultura Afro-brasileira.

§ 1º - o conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negro no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º - Os conteúdos referentes à História e cultura Afro-brasileiras serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História brasileira.

§ 3º - vetado.

Art. 79-A - vetado.

Art. 79-B - O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como ‘Dia Nacional da Consciência Negra’.

dos relatos das práticas didáticas de três docentes da escola. A partir disso, o procedimento adotado foi o etnográfico em seu sentido restrito, pois o trabalho consiste na produção de um estudo analítico-descritivo dos costumes, crenças, práticas sociais e religiosas, conhecimentos e comportamentos da cultura negra e afro-brasileira imbricados ou não no ensino de língua portuguesa para o cumprimento da lei 10.639 / 2003.

Para a realização da pesquisa, pretendeu-se, inicialmente, realizar-se seis (6) entrevistas com professores efetivos de língua portuguesa lotados na escola supracitada, mas com a pandemia tivemos dificuldade de retorno às escolas, por isso apenas três docentes conseguiram realizar as entrevistas. Utilizamos como instrumento de coleta de dados as entrevistas que foram realizadas de maneira remota através de reunião pelo Google Meet e gravadas devido aos cuidados e recomendações do governo do Estado para combater a onda de contágio frente à pandemia do vírus da Covid-19, vivenciada desde março de 2020. As entrevistas foram guiadas a partir do seguinte roteiro de perguntas:

- 1 - Como se autodeclara (Branco/a ou não Branco/a)? Qual o perfil da maioria de seus estudantes (Branco/a ou não Branco/a)?
- 2 - Quanto tempo de atuação como docente no geral e na escola atual?
- 3 - O que você compreende por racismo?
- 4 - Como se deu a formação profissional? Concluiu a Graduação em que instituição e em que ano? Você ouviu falar em racismo linguístico em sua formação acadêmica? Caso a resposta seja não, seguir com a pergunta seguinte, ou seja, se após a formação ele já ouviu esse termo.
- 5 - Já ouviu falar em racismo linguístico? Em que situações? Em sua opinião, racismo linguístico e preconceito linguístico são sinônimos?
- 6 - O que você entende por práticas antirracistas?
- 7 - O que sabe sobre a lei 10.639/2003? Você tem aplicado ao ensino de língua portuguesa?
- 8 - Sua prática didática aborda questões raciais? Se sim, como se dá essa abordagem?

Alicerçado nisso, buscamos, a partir das respostas dos/as entrevistadas, analisar e descrever o processo do ensino de língua portuguesa e se suas abordagens dão conta de um ensino pautado no combate ao racismo, compreendendo que o racismo é estrutural e que, portanto, “a prática antirracista é urgente e se dá nas atitudes mais cotidianas”.

Com isso, salientamos a partir de André (1995), que define estudo de tipo etnográfico como aquele cujos dados são de natureza qualitativa e gerados, principalmente a partir de observação participante e entrevistas, a caracterização do grupo entrevistado que são docentes de língua portuguesa da rede estadual de ensino em uma escola de Ensino Médio regular em

Horizonte – CE e a sua relevância para possíveis mudanças curriculares e novas possibilidades de dialogar com os saberes discentes e docentes.

## 5. O ensino de Língua Portuguesa em uma escola de Ensino Médio de Horizonte - CE a partir de entrevistas com docentes

Partindo de Bento (2003) que considera que

Grande parte das manifestações racistas cotidianas são clandestinas e mal dimensionadas. Os legados cumulativos da discriminação, privilégios para uns, déficits para outros, bem como as desigualdades raciais que saltam aos olhos, são explicadas e, que o que é pior, frequentemente ‘aceitas’, através de chavões que nenhuma lógica sustentaria, mas que possibilitam o não enfrentamento dos conflitos e a manutenção do sistema de privilégios. (BENTO, 2003).

Pensamos, a partir disso, em entrevistas com professores de uma escola de Ensino Médio regular da sede do município de Horizonte, pois esta atende populações de mais da metade das localidades/distritos do município incluindo o distrito de queimadas onde está localizada a comunidade de remanescentes de quilombolas de Alto Alegre<sup>8</sup>. Com isso, buscamos através da entrevista identificar práticas antirracistas dentro da prática didática dos docentes entrevistados a partir de 8 blocos de perguntas que estão descritas nas tabelas abaixo. Foram entrevistadas 3 professoras das 5 que fizemos contato, pois devido à pandemia do novo coronavírus houve alguns problemas quanto ao retorno. Chamaremos os entrevistados de Professor 1, Professor 2 e Professor 3, respectivamente:

### Quadro 1 – Respostas dos docentes entrevistados

<b>Professor 1</b>	
<b>Perguntas</b>	<b>Respostas</b>
1 - Como se autodeclara (Branco/a ou não Branco/a)? Quais as naturezas da turma da Professora? Quantas turmas de quais séries? Qual o perfil da maioria de seus estudantes (Branco/a ou não Branco/a)?	<p>“Desde que me entendo por gente que eu ia preencher os documentos que coloco parda, mas assim pra falar a verdade eu não sei nem porque a origem disso”.</p> <p>"Este ano (2021) estou com 15 turmas misturadas nas disciplinas de artes, redação e língua portuguesa”.</p> <p>“E os estudantes os considero como</p>

<sup>8</sup> Considerada uma das mais importantes partes da identidade cultural do município, a comunidade quilombola teve seu reconhecimento formal em maio de 2005, quando foi considerada remanescente dos Quilombos pela Fundação Palmares.

	misturados (pardo, negros, amarelos e brancos)”.
2 - Quanto tempo de atuação como docente no geral e na escola atual?	“vai fazer 7 anos agora em julho”.
3 - O que você compreende por racismo?	“eu compreendo que seja uma ideia que faz parte de um pré-julgamento vindo de uma condição histórica relacionado a discriminar pessoas por causa da cor da pele”
4 - Como se deu a formação profissional? Concluiu a Graduação em que instituição e em que ano? Você ouviu falar em racismo linguístico em sua formação acadêmica? Caso a resposta seja não, seguir com a pergunta seguinte, ou seja, se após a formação ele já ouviu esse termo.	“Eu me formei na Universidade Federal do Ceará no ano 2013 para 2014 e na minha época a gente via muito a questão de preconceito linguístico, mas o racismo linguístico é novo pra mim”
5 - Já ouviu falar em racismo linguístico? Em que situações? Em sua opinião, racismo linguístico e preconceito linguístico são sinônimos?	“É um termo novo pra mim, mas acho que são linhas criadas para combater a questão de uma discriminação e cada um deve ter sua particularidade.”
6 - O que você entende por práticas antirracistas?	“práticas que são feitas para combater o racismo de maneira geral como movimentos. Como conscientização dos alunos desde pequenos para as crianças compreenderem que a discriminação é errado”
7 - O que sabe sobre a lei 10.639/2003? Você tem aplicado ao ensino de língua portuguesa?	“Sim já ouvi falar e já apliquei a partir da literatura na abertura do ano letivo com um texto do Mia Couto mostrando para as turmas o texto e a origem do autor”
8 - Sua prática didática aborda questões raciais? Se sim, como se dá essa abordagem?	“Sim, a partir da literatura”

**Professor 2**

Perguntas	Respostas
1 - Como se autodeclara (Branco/a ou não Branco/a)? Quais as naturezas da turma da	“Segundo meus documentos parda”. “Esse ano estou com cinco turmas e a maioria

Professora? Quantas turmas de quais séries? Qual o perfil da maioria de seus estudantes (Branco/a ou não Branco/a)?	acho que também é parda”
2 - Quanto tempo de atuação como docente no geral e na escola atual?	“Só nessa escola tenho mais de 20 anos”
3 - O que você compreende por racismo?	Sem resposta.
4 - Como se deu a formação profissional? Concluiu a Graduação em que instituição e em que ano? Você ouviu falar em racismo linguístico em sua formação acadêmica? Caso a resposta seja não, seguir com a pergunta seguinte, ou seja, se após a formação ele já ouviu esse termo.	"Concluí minha graduação em português e literatura pela na UECE em 1989 e prestei concurso para o estado em 1998”.
5 - Já ouviu falar em racismo linguístico? Em que situações? Em sua opinião, racismo linguístico e preconceito linguístico são sinônimos?	“Não ouvi falar em racismo linguístico”
6 - O que você entende por práticas antirracistas?	Sem resposta.
7 - O que sabe sobre a lei 10.639/2003? Você tem aplicado ao ensino de língua portuguesa?	“Já sim, mas acho muito pouco a questão da explanação da aplicação desta lei”. “Conheço assim, mas aplicar não”.
8 - Sua prática didática aborda questões raciais? Se sim, como se dá essa abordagem?	“Não de maneira direta, mas quando surge alguma discussão em sala de aula a gente aborda e chama a atenção para essa questão”

**Professor 3**

<b>Perguntas</b>	<b>Respostas</b>
1 - Como se autodeclara (Branco/a ou não Branco/a)? Quais as naturezas da turma da Professora? Quantas turmas de quais séries? Qual o perfil da maioria de seus estudantes (Branco/a ou não Branco/a)?	“eu me declaro como parda, mas quando me apresento para os meus alunos eu digo que tenho traços negros e indígenas”. “estou com 7 turmas esse ano (2021) e considero a minoria de estudantes brancos e a maioria pardos e negros”
2 - Quanto tempo de atuação como docente no geral e na escola atual?	“desde 2010”

3 - O que você compreende por racismo?	“É quando uma etnia acredito que seja o termo correto, porque raça é a raça humana. É utilizado pra marcar quando uma etnia se subjuga a outra”
4 - Como se deu a formação profissional? Concluiu a Graduação em que instituição e em que ano? Você ouviu falar em racismo linguístico em sua formação acadêmica? Caso a resposta seja não seguir com a pergunta seguinte, ou seja, se após a formação ele já ouviu esse termo.	“Ingressei em 2005 no curso de letras na UFC e em 2009 concluí e já iniciei em sala de aula em 2010.” “Eu não me recordo de ter visto o termo, mas preconceito linguístico sim”
5 - Já ouviu falar em racismo linguístico? Em que situações? Em sua opinião, racismo linguístico e preconceito linguístico são sinônimos?	“É como se esse racismo linguístico tivesse inserido nessa coisa mais ampla do preconceito linguístico. Entendo assim, mas não sei”
6 - O que você entende por práticas antirracistas?	“é quando uma pessoa vai pleitear uma vaga de emprego ou entrar na universidade e não consegue por ser negro aí entra a questão das cotas”
7 - O que sabe sobre a lei 10.639/2003? Você tem aplicado ao ensino de língua portuguesa?	“Ouvi sim e acho que não tem sido aplicado no ensino de língua portuguesa de forma alguma”
8 - Sua prática didática aborda questões raciais? Se sim, como se dá essa abordagem?	“Na literatura não trabalhamos a questão da literatura africana no currículo, mas há de alguma forma o destaque de escritores negros na literatura nacional como Lima Barreto, Machado De Assis”

Fonte: Elaborado pelo autor

A partir das respostas dos entrevistados, percebemos e constatamos que suas práticas didáticas não abordam de maneira direta as questões raciais e quando aparecem é a partir da literatura, trabalhando textos de autores negros, mas nada tão aprofundado nas discussões da história e da cultura Africana e Afro-brasileira e, inclusive, o Professor 3 em resposta à pergunta 7, afirma que já ouviu falar na lei, mas que esta não tem sido aplicada de maneira nenhuma dentro da língua portuguesa. Com isso, vemos o distanciamento entre a teoria e a prática. Apresentamos, a seguir, duas proposições didáticas que buscam abordar as questões étnico-raciais no ensino de língua portuguesa.

## 6. Propostas didáticas

Com o propósito de dar suporte às escolas de educação básica e aos profissionais da linguagem que estão atuando como professores e estão distantes das discussões sobre as relações étnico-raciais e o ensino como prática antirracista a partir de práticas didática efetivas, buscamos, nesse tópico, ser propositivo e didático com duas transposições didáticas que podem ser aplicadas a partir das realidades relatadas nas entrevistas e que podem facilmente serem replicadas e adaptadas a diversas realidades. Vale ressaltar que os exemplos aqui mencionados estão longe do ideal, mas chegam próximo das discussões até aqui levantadas e servem como metodologias possíveis de serem adotadas para a implementação da lei 10.639/2003 a partir do ensino de língua portuguesa. As propostas abaixo estão dispostas a partir de planos de aula:

### Quadro 2 – Plano de Aula 1

<b>PLANO DE AULA 1</b>		
<b>I. Plano de Aula:</b> Data: 10/03/2021      Turno: Tarde      Horário: 2h/a		
<b>II. Dados de Identificação:</b> Escola: EEEM Ciclano de Tal dos Anzóis Professor (a): Fulano de Tal Disciplina: Língua Portuguesa Série/Ano: 1º Ano do Ensino Médio Turma: A		
<b>III. Tema:</b> Gêneros literários: o estudo do poema a partir da série "Povoando o Mundo com arte do Quilombo" disponível no Youtube. <b>Habilidades:</b> Leitura e compreensão textual		
<b>IV. Objetivos:</b> <b>Objetivo geral:</b> Compreender a poesia e as principais características do gênero a partir da poesia da Quilombola Tainara Eugênio. <b>Objetivos específicos:</b> - Refletir sobre o papel social dos poemas; - Explorar os efeitos de sentido do gênero; - Compreender os conceitos do gênero literário e a estrutura do poema; - Conhecer as temáticas abordadas nos poemas e compreender a produção literária quilombola em questão.		
<b>V. Conteúdo:</b> - Gêneros Literários; - O poema; - Leitura e compreensão de textos literários.		

**VI. Desenvolvimento do tema:**

**Momento 1** – No primeiro momento, exibição do vídeo Povoando o mundo com poesias do quilombo. Disponível em: [https://youtu.be/\\_9NOqwuvJRk](https://youtu.be/_9NOqwuvJRk) .

**Momento 2** - Nesse momento, após os alunos assistirem ao vídeo e escutarem os dois poemas escritos e recitados pela quilombola Tainara Eugênio "O racismo nosso de cada dia" e "Sala de Aula" debater com os estudantes as temáticas abordadas nos poemas e a partir dessas discussões identificar as características do poema quanto a estrutura e sentidos abordados.

**Momento 3** - Realizar atividade de fixação com enfoque nas comunidades tradicionais associando as questões regionais e a produção literária em questão.

**VII. Recursos didáticos:** Computador, caixinhas de som, quadro e slides.

**VIII. Avaliação:** Avaliação a partir da participação nas discussões e realização das atividades.

**IX. Bibliografia:**

ARISTÓTELES. *Poética*. Edição bilíngue. Tradução, introdução e notas de Paulo Pinheiro. São Paulo. Editora 34, 2ª edição, 2017.

MASSAUD, Moisés. *A Literatura Brasileira através dos textos*. Editora Cultrix. São Paulo, 1971.

EUGÊNIO, Tainara. Povoando o mundo com poesias do quilombo. Disponível em: [https://youtu.be/\\_9NOqwuvJRk](https://youtu.be/_9NOqwuvJRk) <Acesso em: 13/03/2021>

Fonte: Elaborado pelo autor

Com esse plano, pode-se abordar a história dos quilombos e de remanescentes de quilombos e suas respectivas contribuições para o desenvolvimento de comunidades, bairros localidades, municípios e regiões, trazendo, assim, a realidade local. No caso aqui analisado, cujos docentes atuam na rede de ensino da cidade de Horizonte-Ce, estes podem contextualizar o plano de aula com a comunidade de remanescentes de quilombos de Alto Alegre e, até mesmo, fazer um mapeamento das comunidades quilombolas existentes do Ceará. Enfatizamos que, de acordo com Eugênio (2020), a sua “escrita quilombola vem para contextualizar minhas vivências e realidades, como diz Milton Santos, eu me alimento do território para me tornar o

próprio território, gerando conhecimento, valores e fazeres, a partir desse conjunto de linguagens numa insurgência negra que tem a poesia como pano de fundo”.

### Quadro 3 – Plano de Aula 2

<b>PLANO DE AULA 2</b>	
<b>I. Plano de Aula:</b> Data: 10/03/2021      Turno: Tarde      Horário: 2h/a	
<b>II. Dados de Identificação:</b> Escola: EEEM Ciclano de Tal dos Anzóis Professor (a): Fulano de Tal Disciplina: Língua Portuguesa Série/Ano: 1º Ano do Ensino Médio Turma: A	
<b>III. Tema:</b> Refletindo sobre a língua: figuras de linguagem.	<b>Habilidades:</b> Leitura e compreensão textual.
<b>IV. Objetivos:</b> <b>Objetivo geral:</b> Compreender a conceituação de figuras de linguagem e as principais figuras (ironia, metáfora, comparação e metonímia) a partir da letra da música Respeitem Meus Cabelos, Brancos, de Chico César. <b>Objetivos específicos:</b> - Refletir sobre o papel social da música em questão; - Explorar os efeitos de sentido da música a partir das figuras de linguagem presentes na canção; - Compreender os conceitos das figuras de linguagem; - Conhecer e debater as temáticas abordadas na letra da música, ampliando o vocabulário e o enriquecendo a partir da valorização das palavras oriundas do banto e presentes na música.	
<b>V. Conteúdo:</b> - Figuras de linguagem (ironia, metáfora, comparação e metonímia); - Vocabulário afro-brasileiro; - Leitura e compreensão de textos.	
<b>VI. Desenvolvimento do tema:</b> <b>Momento 1</b> – No primeiro momento, exibição da música Respeitem meus cabelos, Brancos de Chico César. Disponível em: <a href="https://youtu.be/nllAkyU0TOs">https://youtu.be/nllAkyU0TOs</a> <b>Momento 2</b> - Nesse momento, após os alunos ouvirem a música questionar a turma sobre o que conseguiram entender da canção e a partir das respostas realizar uma leitura da letra identificando as figuras de linguagem e assim explicando o efeito de sentido que a figura de linguagem causou dentro da música. Para além disso, debater com os estudantes as temáticas da estética da população negra, abordadas na canção a partir da simbologia do cabelo e ressaltar toda importância do movimento <i>black power</i> e sua história enfatizando o orgulho racial e a criação	

de instituições políticas e culturais negras para cultivar e promover interesses coletivos negros e avançar valores da população negra.

**Momento 3** - Realizar atividade de fixação com enfoque na interpretação da letra da música.

**VII. Recursos didáticos:** Computador, caixinhas de som, quadro e slides.

**VIII. Avaliação:** Avaliação a partir da participação nas discussões e realização das atividades.

**IX. Bibliografia:**

CÉSAR, Chico. Respeitem meus cabelos, Brancos. Disponível em:  
<https://youtu.be/nIIAkyUOTOs> <acesso em: 15/03/2021>

BENTO, Maria Aparecida Silva; Psicologia social do racismo - estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, Vozes, 2003.

GASPAR, Eneida D. Falando Banto. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Já com esse último plano, para além das questões literárias, tem-se uma preocupação com os estudos da linguagem e dentro de um conteúdo que está presente nos currículos das escolas brasileiras de maneira geral com o estudo das figuras de linguagem. A partir da canção sugerida, podem-se trabalhar questões semânticas a partir de debates sobre as relações raciais e desigualdades frente aos símbolos de resistência da população negra.

## 7. Considerações finais

Dessarte retomamos a necessidade de uma linguística aplicada emancipatória e raciolinguística para que de fato possamos combater as estratégias de colonização com enfoque nas dinâmicas de poder envolvidas na língua/linguagem que atuam na perpetuação do racismo,

bem como as desvantagens que se estabelecem por meio da linguagem. E, para além disso, elencamos a necessidade de diálogo entre universidade e educação básica através de encaminhamentos propositivos em nossos trabalhos acadêmicos que auxiliem o/a professor/a da educação básica que está fora da academia para que a prática antirracista seja inerente ao ensino de língua portuguesa e auxiliem positivamente no cumprimento da lei 10.639/2003.

Com isso, enfatizamos a necessidade de uma escola na qual o contato com a história e a cultura do povo negro vá além do que o que é vagamente tratado nos livros didáticos, pois se tivermos acesso a uma educação que propicie a construção de percepções identitárias que nos aproximem de nós mesmos, enquanto pessoas negras, e que seja firmemente pautada por questões étnicas e raciais, de gênero e cultura, já estaremos dando um grande passo para superar os processos de tentativa de apagamento de nosso povo.

Para além disso, é importante que tenhamos uma ampliação das políticas de formação inicial e continuada pelo Governo Federal, através do Ministério da Educação, pois é nítida a carência de políticas de formação pautadas nas relações étnico-raciais em diálogo com o ensino.

Outrossim pontuamos como resultados desse trabalho a caracterização dos docentes entrevistados e suas respostas que nos auxiliaram a desenvolver um olhar crítico sobre o ensino de língua portuguesa e o cumprimento da lei 10.6039/2003.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Tradução Julia Romeu. - 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

BENTO, Maria Aparecida Silva; *Psicologia social do racismo - estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 2003.

BENTO, Maria Aparecida Silva; SILVEIRA, Marly; CHINALLI, Myrian. *Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Educação: exercitando a definição de conteúdos e metodologias*. São Paulo: CEERT, [S.d].

BNCC, Base Nacional Comum Curricular. *“Língua Portuguesa no Ensino Médio: campos de atuação social, competências específicas e habilidades”*. Ministério da Educação. 2018. (p. 451-510).

BONFIM, Marco. *Linguagem e identidade: o lugar do corpo nas práticas identitárias raciais*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE

V. 8, N. 2, Fortaleza, 2016.

BONFIM, Marco. *Pragmática dos corpos militantes no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Ceará*. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de pós-graduação em Linguística Aplicada. Fortaleza, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

EUGÊNIO, Tainara. *Povoando o mundo com poesias do quilombo*. Disponível em: [https://youtu.be/\\_9NOqwuvJRk](https://youtu.be/_9NOqwuvJRk) <Acesso em: 13/03/2021>

GADIO, Eduarda Souza. Resenha do livro "*O que é racismo estrutural*" de Silvio de Almeida. *Revista Humanidades e Inovação* v.6, n. 4 - 2019

GASPAR, Eneida D. *Falando Banto*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NASCIMENTO, Gabriel. *Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem*. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2019.